



# Ouro Preto é uma festa: cultura e lazer no festival de inverno da UFMG\*

Ouro Preto is a feast: culture and leisure in the winter festival of UFMG

**Vitor Lucas de Faria Pessoa**

Mestrando em Estudos do Lazer  
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil  
vitorlfpessoa@hotmail.com

**Cleber Dias**

Doutor em Educação Física (UNICAMP)  
Prof. da Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil  
cleberdiasufmg@gmail.com

**Recebido em:** 06/09/2016

**Aprovado em:** 15/12/2016

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar as cinco primeiras edições do Festival de Inverno de Ouro Preto, projeto de extensão universitária organizado pela Universidade Federal de Minas Gerais desde 1967. Mais especificamente, nos interessa as relações de tensão ou de reforço recíproco estabelecidas neste evento entre as suas dimensões festivas e culturais, artísticas e de lazer, culturais e de entretenimento. Nesse sentido, apesar das críticas que a dimensão festiva do Festival recebeu na época, o seu sucesso pode ser atribuído, em larga medida, a capacidade de o evento combinar, de maneira original e criativa, possibilidades de diversão, turismo, fruição artística e formação universitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lazer, Cultura, História.

**ABSTRACT:** The objective of this paper is to analyze the first five editions of the Ouro Preto's Winter Festival, a university project of extension organized by Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) since 1967. More specifically, our interest is the tension relationship or the reciprocal reinforcement defined in this event between its festive and cultural, artistic and recreational, cultural and entertainment dimensions. In this sense, despite the criticism that the festive dimension received at that time, its success can be attributed, with no doubt, to its capability to combine, in an original and creative way, possibilities for fun, tourism, artistic enjoyment and university formation and graduation.

**KEYWORDS:** Leisure, Culture, History.

## Introdução

---

\* Algumas referências provenientes de jornais e revistas que foram utilizadas como fontes para a elaboração desta pesquisa, não possuem a informação sobre sua autoria nos acervos pesquisados (Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e Acervo da Divisão de Coleções Especiais da Universidade Federal de Minas Gerais), portanto, o título dos artigos foi utilizado para sua identificação e consulta.



Em 1967, um grupo de professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) se articulou para criar um festival de cultura e arte. Inicialmente, imaginaram realizar um curso de férias com audições de música barroca. Discutindo-se o formato do evento, chegou-se a sugestão de um festival mais amplo, que incluísse cursos não apenas de música, mas também de artes plásticas e cinema, além de apresentações de filmes, peças teatrais, concertos e exposições. O objetivo do novo formato do evento, segundo concepção depois vinculada pela imprensa, seria “proporcionar maior entretenimento aos participantes”<sup>1</sup>. Assim, no dia 1 de julho de 1967, nas escadarias da Igreja Nossa Senhora do Carmo, em Ouro Preto, com a presença do governador de Minas Gerais, do reitor da UFMG e várias outras autoridades, celebrou-se a primeira cerimônia de abertura do Festival de Inverno de Ouro Preto, também chamado às vezes Festival de Inverno da UFMG. Realizado anualmente ao longo de todo o mês de julho, o evento colaborou no desenvolvimento da indústria do turismo em Ouro Preto, marcou positivamente a extensão universitária, além de ter oportunizado eficiente estímulo para a formação de artistas que depois ocupariam importantes lugares na produção cultural brasileira, como o fez entre os integrantes do Grupo Uakiti, do Grupo Galpão, do Grupo de Teatro de Bonecos Giramundo ou da Companhia de Dança Grupo Corpo.

Apesar da importância do Festival de Inverno de Ouro Preto, estudos e análises sobre o evento ainda são limitados, restringindo-se a um filme<sup>2</sup> e uma tese de doutorado<sup>3</sup> não publicada. A lacuna é particularmente aguda no que diz respeito ao estudo da dimensão lúdica e festiva que envolvia o evento, que apesar de ter sido seguramente importante para sua positiva repercussão na época, paradoxalmente fora secundarizada e até duramente criticada por muitos dos envolvidos na sua organização. Na verdade, na medida em que as proporções turísticas, festivas e de lazer do evento cresciam, os organizadores logo se apressaram em enfatizar o caráter acadêmico, cultural e artístico da iniciativa. Discursos que enalteciam a sua seriedade e dimensão propriamente acadêmica, ao mesmo tempo em que criticavam ou até negavam seus componentes de lazer e diversão, de certo modo apenas atualizavam, em outras palavras, o entendimento que prescreve a cultura de massas e sua característica excitabilidade lúdica como fonte inexorável de alienação. Em suas cinco primeiras edições, que correspondem aos anos de 1967 a 1971, o

---

<sup>1</sup> FESTIVAL de Inverno incorpora Ouro Preto ao turismo mundial. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1 ago. 1967, s/p.

<sup>2</sup> LEMOS, Evandro; VILAÇA, Sérgio. Documentário: **40 invernos** [gravação de vídeo] / direção Evandro Lemos e Sérgio Vilaça. Belo Horizonte: [S. l.], [2007]. 1 DVD (109 min.): son., color. ; 4 3/4 pol.

<sup>3</sup>FERNANDINO, Fabrício José. **20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 1967 a 1986**. 253 f. Tese. (Doutorado em Artes) - Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belo Horizonte, 2011, p. 253.



Festival seria principalmente voltado para a música, artes plásticas, cinema, teatro e história. As peculiaridades em cada ano se davam mais pelo enfoque dado aos cursos oferecidos, do que ao caráter festivo do evento, que se manteve ao longo de todo o período.

Ao menos desde os anos finais do século 19, filósofos, artistas, cientistas sociais e outros formadores de opinião associavam o crescente desejo das massas por passatempos estimulantes ou ocupações divertidas capazes de distrair e entreter, ao empobrecimento da experiência na modernidade, marcada pelo tédio na vida urbana e pela falta de sentido no trabalho alienado. Com diferenças e nuances entre si, reflexões de George Simmel (1979)<sup>4</sup>, Sigfried Krakauer (2009)<sup>5</sup>, Walter Benjamin (2000)<sup>6</sup> ou Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985)<sup>7</sup> estão entre os exemplos mais conhecidos desta tradição. Este usual modo de enquadramento, que subestima ou rejeita a capacidade educativa do lazer, do entretenimento ou da diversão, seria repetido e reforçado não apenas na opinião de muitos dos primeiros organizadores do Festival de Inverno, mas também nas representações históricas que se edificaram a posteriori sobre o evento, que igualmente negligenciaram ou desprezaram inteiramente a dimensão lúdica do evento. O que torna a situação especialmente curiosa é que o Festival, além de sua importância como ação de arte, cultura e extensão universitária, constitui-se também como um importante evento turístico e de lazer. Não por acaso, os expressivos números de turistas que lotavam as pousadas de Ouro Preto nos períodos de realização do Festival, foram constantemente utilizados para legitimar o êxito do evento. E para grande parte das pessoas que visitavam Ouro Preto no período do evento, o Festival parecia ser, antes e acima de tudo, uma oportunidade de lazer e diversão. Nesse sentido, diferente do que muitos contemporâneos disseram, poder-se-ia dizer que o sucesso do Festival não se deu apesar do seu clima de festa, mas em larga medida por causa dele. Inúmeras descrições sobre o evento na época atentaram para o seu ambiente de festa e alegria, além da peculiar e heterodoxa combinação entre vanguardismo artístico e tradicionalismo interiorano: “A velha cidade barroca se enche de hippies, os artistas se instalam, os estudantes se espalham em seus cursos, os turistas dividem o espanto entre as velhas coisas da Arte e da História e a bulha nova dos jovens. É o Festival de Inverno.”<sup>8</sup>

---

<sup>4</sup> SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). **O Fenômeno Urbano**. 4 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 133.

<sup>5</sup> KRAKAUER, Sigfried. **O ornamento da massa**. São Paulo: Cosa & Naif, 2009, p. 384.

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO, Theodor.; et. al. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 221-254.

<sup>7</sup> ADORNO, Theodor.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 224.

<sup>8</sup> UM INVERNO cheio de calor. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jul. 1971, p. 8.



Nesse contexto, o objetivo deste artigo é analisar a história das cinco primeiras edições do evento, realizadas entre 1967 e 1971, que correspondem ao período inicial de estruturação, crescimento e consagração do Festival. Depois disso, o evento sofreu sucessivas alterações, entre as quais uma tentativa de reduzir-se seu escopo e dimensões. Mais especificamente, nos interessa as relações de tensão ou de reforço recíproco estabelecidas no Festival entre as dimensões festivas e culturais, artísticas e de lazer, culturais e de entretenimento.

Com relação aos aspectos metodológicos, analisamos documentos e notícias de jornais relativas ao evento disponíveis no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e no acervo da Divisão de Coleções Especiais da UFMG. Para o período relativo aos cinco primeiros anos do evento, foram encontrados, além de documentos de natureza diversa, como cartas, transcrições de discursos ou anotações de integrantes da comissão organizadora, mais de 800 notícias, em quarenta periódicos, publicados em 15 diferentes cidades do Brasil. Em si mesma, a quantidade de notícias vinculadas por jornais de grande circulação, difusamente localizados, já revela a repercussão que o Festival rapidamente adquirira. A maioria dessas notícias concentra-se em jornais das cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, embora também se encontrem em menor número publicações de Fortaleza, Belém, Recife, Aracajú, Porto Alegre, Curitiba, Goiânia e Brasília, além de algumas cidades do interior, como Juiz de Fora, Campinas e Niterói.

De maneira mais geral e abrangente, nossa expectativa, em última instância, é que o estudo histórico das circunstâncias que facilitaram ou dificultaram, no passado, a realização de uma iniciativa como o Festival de Inverno, possa inspirar ou encorajar, no presente, um olhar renovado sobre iniciativas de extensão universitária voltados à arte, cultura e lazer.

### **Transformando uma cidade em *campus* de arte, cultura e festa**

Desde o início, havia a pretensão de fazer do Festival de Inverno uma ocasião privilegiada para a divulgação da cidade de Ouro Preto como destino turístico e centro internacional de cultura. De acordo com os primeiros estatutos do evento, seus objetivos eram realizar cursos intensivos de aperfeiçoamento para profissionais, professores e estudantes de arte; estabelecer intercâmbio entre alunos e professores do Brasil e do estrangeiro; além de incrementar o turismo cultural em Minas Gerais.<sup>9</sup>

De fato, o Festival logo mostrou-se importante agente para o fomento do desenvolvimento não apenas artístico e cultural, mas também turístico e econômico. Reportagens

---

<sup>9</sup> ESTATUTO do 1º Festival de Inverno de Ouro Preto, 1967. *Acervo da Divisão de Coleções Especiais da UFMG.*



da imprensa anunciavam-no como um grande sucesso, ressaltando a sua repercussão internacional, que desde a sua primeira edição atraía cobertura jornalística de revistas norte americanas como *Time* e *Life*, conforme destacou-se com orgulho.<sup>10</sup> Sua primeira edição encerrou-se com o evento sendo considerado a maior iniciativa para promoção cultural de Minas Gerais em 1967.<sup>11</sup> Imediatamente, Gerson Boson, reitor da UFMG na ocasião, declarou-se eufórico com os resultados do Festival, anunciando sua decisão de destinar “uma verba substancial para ampliá-lo e divulga-lo ainda mais”<sup>12</sup>. Comerciantes locais, celebrando o aumento de suas vendas durante o período de realização do Festival, também reforçaram o potencial do evento para estimular o desenvolvimento econômico e turístico de Ouro Preto.<sup>13</sup> Sem temer o exagero, o diretor da segunda edição do evento, realizado em 1968, chegou a dizer, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, que o Festival foi o maior destaque de Ouro Preto depois da Inconfidência Mineira.<sup>14</sup>

Todavia, para além da promoção das artes e do estímulo ao turismo, o Festival também implicou toda uma extensa rede de convívio e relações motivada por diversas razões. Após as aulas dos cursos, que aconteciam pela manhã e pela tarde, os alunos se reuniam nas repúblicas e no Centro Acadêmico da Escola de Minas, onde aconteciam exposições, lançamentos de livros e outras atividades de lazer, tais como jogos, danças e músicas.<sup>15</sup> Também em outras partes da cidade, para além dos estudantes que participavam dos cursos, havia o que uma reportagem do jornal *Estado de Minas*, de Belo Horizonte, fixou como “aquela procura louca de lugares nas boates e barzinhos que lideram a vida noturna internacional da Vila Rica: O Pilão, o Cochicho, o Calabouço”<sup>16</sup>. Eduardo Couri, repórter do mesmo jornal, captou a situação de um destes bares no último sábado da segunda edição do Festival, em 1968, que estaria “transbordando”<sup>17</sup>. O registro do aumento da venda de conhaques e batidas em Ouro Preto parecia ser apenas mais um elemento do importante lugar que o lazer e a sociabilidade ocuparam no Festival.<sup>18</sup>

---

<sup>10</sup> CONCERTO encerra o I Festival de Inverno. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jul. 1967, s/p

<sup>11</sup> FESTIVAL de Inverno incorpora Ouro Preto ao turismo mundial. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 1 ago. 1967, s/p.

<sup>12</sup> FESTIVAL de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte 6 jul. 1967, s/p.

<sup>13</sup> CONCERTO encerra o I Festival de Inverno. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jul. 1967, s/p

<sup>14</sup> MAIOR Promoção. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 jun. 1968, p. 40.

<sup>15</sup> CARNEIRO, Plínio. Retrospecto do II Festival de Inverno de Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 28 jul. 1968, s/p.

<sup>16</sup> FRADE, Wilson. Notas de um Reporte Social, Adeus ao Festival. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jul. 1968, s/p.

<sup>17</sup> COURI, Eduardo. Sociedade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 jul. 1968, s/p.

<sup>18</sup> O FRIO está chegando. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 jul. 1970, s/p.



A cada nova edição do Festival, um número crescente de turistas chegava diariamente em Ouro Preto, motivados especialmente pelo evento, enchendo lojas, hotéis, pousadas, bares e boates. Rapidamente, o festival já estava sendo considerado como a capital da cultura e da arte no Brasil durante o mês de julho e a maior promoção universitária da América do Sul.<sup>19</sup> Em 1968, um mês antes do seu início, todas as vagas disponíveis em pousadas e hotéis da cidade estavam já ocupadas.<sup>20</sup> Em 1970, o desequilíbrio entre oferta e demanda de vagas para hospedagem já poderia ser vista e apontada como um problema.

Quem disser a você que não há problema de hospedagem nesta cidade [Ouro Preto], não estará sendo sincero. Em janeiro e fevereiro, talvez; em outubro e novembro, é possível. Em junho e julho, porém, prepare-se para lutar se você pretende gozar as delícias deste sol e assistir ao Festival de Inverno. Milhares pensam como você [...] A coincidência de datas misturou os festivais com as férias escolares e dessa confusão, 'hippies' se juntam às multidões e enchem a Praça Tiradentes, onde também passam a noite – nem sempre dormindo.<sup>21</sup>

Em 1969, estimava-se que entre 120 e 200 mil turistas teriam visitado Ouro Preto durante o Festival.<sup>22</sup> Em 1975, a estimativa seria de 250 mil.<sup>23</sup> Num único final de semana durante período de realização do evento, estimou-se que 30 mil pessoas teriam visitado a cidade.<sup>24</sup> Nessa época, mesas nas principais boates da cidade precisavam ser reservadas com antecedência.<sup>25</sup> Nas estradas que davam acesso à cidade, policiais já alertavam para a impossibilidade de tentar se hospedar em Ouro Preto: “A cidade está lotada, quem não tem reserva em hotel não adianta nem tentar”<sup>26</sup>.

Uma das principais condições para a viabilização do Festival era a obtenção de apoio financeiro. Sua primeira edição foi realizada sob os auspícios do Governo do Estado de Minas Gerais e da Prefeitura de Ouro Preto, além da própria UFMG.<sup>27</sup> Alguns anos depois, em 1971, em sua quinta edição, o evento passou a contar com o patrocínio do Ministério da Educação, da UNESCO, do Instituto Nacional de Cinema, do Conselho Federal de Cultura, da Caixa Econômica Federal, entre outras empresas e instituições.<sup>28</sup> Além desta rede de apoio

---

<sup>19</sup> SILVA, Cecília.; MÜLLER, Norma. Interior em Sociedade. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 12 jul. 1968, s/p.; UM FESTIVAL em alto-relevo. Estado de Minas, Belo Horizonte, 12 jul. 1970, s/p.

<sup>20</sup> FRADE, Wilson. Notas de um repórter social. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 16 jun. 1968, s/p.

<sup>21</sup> NORONHA, Cláudio. Comer e morar é problema quando cidade vive festa. *O Dia*, Rio de Janeiro, 26 jul. 1970, s/p.

<sup>22</sup> FRADE, Wilson. Festival de Inverno. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 2 jul. 1969, s/p.; FESTIVAL acaba depois de 30 dias de cultura. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 jul. 1969, s/p.

<sup>23</sup> FERNANDINO. **20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 1967 a 1986**, p. 100.

<sup>24</sup> 30 MIL turistas em Ouro Preto e linha de ônibus especial. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 jul. 1969, s/p.

<sup>25</sup> SOCIEDADE. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 4 jul. 1969, s/p.

<sup>26</sup> HOTÉIS de O. Preto não têm mais lugar. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 jul. 1970, s/p.

<sup>27</sup> FESTIVAL de Ouro Preto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 Jul. 1967, p. 3.

<sup>28</sup> MEC promove Festival de Ouro Preto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1971, p. 10.



institucional, que certamente foi bastante importante para o êxito do evento, havia também outros fatores a contribuir para a sua ampla e bem-sucedida repercussão. Uma conjuntura favorável e o esteio de figuras influentes na política também foram fundamentais para que o Festival pudesse se estruturar. Uma nova perspectiva sobre o papel social da universidade, principalmente depois da Reforma Universitária de 1968, que estabeleceu oficialmente a extensão universitária, acabava por valorizar iniciativas como àquelas representadas pelo Festival.<sup>29</sup> O próprio reitor da UFMG à época, Gérson Boson, mostrou-se diversas vezes um grande entusiasta do evento.

O consenso que ia se formando à época ao redor da ideia do turismo como fator importante para o desenvolvimento regional, também concorreu para favorecer a estrutura de apoio disponibilizada ao Festival. Sintomaticamente, o mesmo ano em que aconteceu a primeira edição do Festival, coincidiu com a criação do Departamento de Turismo de Ouro Preto. Desde os fins dos anos 1930, executavam-se várias iniciativas para estimular o turismo na cidade, como forma de preservar e divulgar o seu patrimônio histórico e artístico: a construção do Grande Hotel de Ouro Preto, a criação do Museu da Inconfidência e a divulgação de propagandas sobre a cidade, enfatizando-a como “monumento nacional” ou “catedral do civismo”. Entre as décadas de 1950 e 1960, a construção ou reformas de rodovias ligando Ouro Preto ao Rio de Janeiro e São Paulo, ao lado das primeiras excursões organizadas por agências de turismo destas capitais foram consolidando Ouro Preto como destacado destino turístico nacional, com os paulistas logo compondo o grupo mais numeroso de visitantes.<sup>30</sup> Antes mesmo do Festival de Inverno, outras iniciativas já haviam esboçado a ideia de um festival de cultura em Ouro Preto.<sup>31</sup> Também em nível nacional, com a criação da Empresa Brasileira de Turismo (Embratur) em 1966, cuja finalidade era definir e executar uma política mais ampla para o estímulo do turismo, havia já um ambiente bastante favorável a projetos que buscassem estimular o setor. Além disso, projetos coordenados pela UNESCO sobre as possibilidades de o turismo cultural servir como agente para o desenvolvimento econômico, incluiu Ouro Preto em sua órbita de preocupações, de certo modo selando a importância que este ramo de atividades exerceria para a vida da cidade dali em

---

<sup>29</sup> LINS, Maria Helena Serrano de França. Educação popular e extensão universitária: diálogos entre saberes sobre educação popular. In: NETO, José Francisco de Melo (org.). **Extensão universitária - diálogos populares**. João Pessoa: Editora UFPB, 2002, p. 123-156.

<sup>30</sup> PAULISTAS lideram estatísticas de turistas na cidade. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 jul. 1969, s/p.

<sup>31</sup> FERNANDINO. **20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 1967 a 1986**, p. 253.



diante.<sup>32</sup> Toda esta ambiência logo incluiria o Festival de Inverno, beneficiando-o, na mesma medida em que era por ele beneficiado.

O interesse e a disposição de veículos de comunicação em ceder espaço ao evento foi outro elemento bastante importante para a sua exitosa repercussão. Contatos e conhecimentos prévios de alguns integrantes da coordenação do Festival com jornalistas podem ter facilitado a divulgação do evento. Júlio Varella, por exemplo, secretário geral do Festival durante várias edições, mantinha contato com vários jornalistas desde a época em que fora diretor do Teatro Marília, em Belo Horizonte.<sup>33</sup> Além disso, cientes da importância que os meios de comunicação de massa poderiam desempenhar para a visibilidade e sucesso do Festival, os próprios organizadores do evento empenharam-se deliberadamente em favorecer a sua divulgação por meio do envio de “folhetos”, “cartazes”, “entrevistas”, “reportagens”, “notas”, “fotos”, “jingles” e “apelos” para jornais, revistas, rádios e televisões de todo o Brasil. O orçamento da primeira edição do evento, em 1967, destinou pouco mais de 6% do seu deficitário orçamento à publicidade. O percentual é aparentemente pequeno, mas supera os valores destinados à hospedagem de professores, passagens, transportes ou espetáculos e orquestra. Isoladamente, apenas as despesas com pagamento de professores e alimentação de alunos e professores, que juntos representavam quase 70% do total de gastos desta edição do Festival, superaram os valores gastos com publicidade.<sup>34</sup>

A imprensa, mais que apenas divulgar o Festival, cumpriria ainda o importante papel de delinear um perfil ideal para o público do evento, enfatizando que os jovens ali reunidos eram todos estudantes respeitáveis, cujas presenças eram em tudo benéfica para a cidade de Ouro Preto. O discurso favorável aos bons comportamentos dos estudantes se se intensificou ao longo das edições do Festival, principalmente quando a presença dos *hippies* e de turistas com pouco ou nenhum interesse pelas atividades artísticas e culturais do Festival aumentaram sua presença em Ouro Preto durante o evento, por vezes sendo apontados como responsáveis por distúrbios de diferentes ordens. Com efeito, não havia objeções a dimensão turística do evento em si, que compunha, afinal, um dos objetivos estabelecido pelo próprio estatuto do Festival, mas sim a

---

<sup>32</sup> AGUIAR, Leila Bianchi. Cidade morta, cidade monumento, cidade turística: a construção de memórias sobre Ouro Preto. In: CASTRO, Celso.; Guimarães, Valéria Lima; MAGALHÃES, Aline Monteiro (orgs.). **História do turismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013, p. 177-195.

<sup>33</sup> ARAGÃO, José Carlos. **Júlio Varella: 50 anos fazendo arte**. Belo Horizonte: Comercial O Lutador, 2009, p. 308.

<sup>34</sup> 1 FESTIVAL de Inverno, 1967. Documento legal. Pasta 1.1. Biblioteca Central da UFMG, *Acervo Divisão de Coleções Especiais*.





determinados grupos de turistas que contrariavam as motivações e expectativas pelos quais o Festival era organizado. A crescente presença desses grupos visivelmente indesejados, parece ter estimulado os organizadores a justificar a promoção do evento como atividade especificamente artística, cultural e universitária, no que tiveram grande apoio de parte considerável da imprensa. Frequentes afirmações sobre o papel e os objetivos do Festival tentavam fixar uma imagem artística, cultural e academicamente séria para o evento, que não o reduzisse a uma simples festa. Segundo notícia publicada no jornal *Diário de Minas*, “o Festival de Inverno, realizado em Ouro Preto, já está sendo compreendido em sua exata dimensão. Não se trata de uma festa ou mera promoção cultural, no uso comum da expressão”<sup>35</sup>. Notícia da mesma época, publicada no jornal *Estado de Minas*, enfatizava, em outras palavras, os mesmos elementos: “Promoção como a do Festival de Inverno não se encontra no mundo inteiro, um autêntico projeto de extensão universitária sem implicações políticas, religiosas: só culturais”<sup>36</sup>.

Reproduzindo e reforçando concepções de parte da comunidade de participantes e organizadores do evento, a imprensa investiu em representa-lo como um centro de arte europeia que transformava Ouro Preto em espaço idealizado de vanguarda artística e cultural. Sintomaticamente, o evento chegou a fazer com que Ouro Preto fosse chamada de Salzburgo brasileira, comparando-a com a cidade austríaca que realiza tradicional e famoso festival de música e teatro entre os meses de julho e agosto.<sup>37</sup> O jornalista Wilson Frade, celebrando a positiva repercussão midiática, turística e propriamente artística da segunda edição do Festival, em 1968, destacara, justamente, seus paralelismos com festivais semelhantes na Europa. Segundo ele, “para o futuro, a sua incidência no turismo e nas artes brasileiros representará o êxito de um dos grandes festivais internacionais das cidades europeias, que atraem turistas e intelectuais do mundo inteiro”<sup>38</sup>.

Com o tempo, porém, vozes dissonantes começariam a se manifestar cada vez mais regular e incisivamente. Críticas à falta de preparo da organização do evento em receber

---

<sup>35</sup> O SENTIDO do Festival de Inverno. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 4 jul. 1969, s/p.

<sup>36</sup> FESTIVAL acaba depois de 30 dias de cultura. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 jul. 1969, s/p.

<sup>37</sup> FERNANDINO. **20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 1967 a 1986**, p. 36.

<sup>38</sup> FRADE, Wilson. Notas de um Reporte Social, Adeus ao Festival. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 27 jul. 1968, s/p.; Com relação a este tema: Em sentido totalmente diverso, professores europeus que participavam do Festival destacavam-no, justamente, pela sua singularidade com relação ao que se passava na Europa. O professor austríaco Hans Graf, por exemplo, se mostrou bastante surpreso com a liberdade que os alunos tinham nos cursos do Festival. Segundo depoimento dele: “Eles saem das aulas quando querem, entram quando querem, tratam o professor por você e fazem muitas perguntas, o que não acontece na Europa, onde o professor é tratado à distância e tem de dar aulas sempre de terno e gravata”. Ver: QUATRO estrangeiros estão lecionando no III Festival de Inverno de Ouro Preto. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 jul. 1969, p. 10.



autoridades internacionais ou suas dificuldades em oferecer estrutura adequada para o crescente número de participantes tornaram-se também parte do Festival. Dizia-se, por exemplo, que a Prefeitura de Ouro Preto deveria dedetizar os prédios da cidade, ressaltando-se que o incômodo de convidados internacionais com as pulgas teria ficado bastante perceptível, configurando, assim, conforme generosa definição de um jornalista, “uma questão meio vexatória”<sup>39</sup>. A estrutura da cidade também mostraria dificuldades cada vez maiores em comportar o crescimento do evento, com todos os hotéis lotados e ruas abarrotadas de carros, atrapalhando ou até impedindo o trânsito local. Tensões entre organizadores do evento e a população de Ouro Preto também começaram a se intensificar. Em 1969, durante a terceira edição do Festival, moradores da cidade fizeram uma denúncia à polícia sobre o que era apontado como “abuso de alunos e professores”. No ano seguinte, lideranças locais como padre Simões, deflagraram um movimento abertamente contrário ao Festival.

Acabaram com a paz que reinou durante mais de dois séculos e meio. Sou contra e não tenho medo [...] Claro que não sou contra a arte. Se quiserem realmente transformar Ouro Preto numa Meca das artes eu seria a favor. Mas essa bagunça que está aí só pode trazer coisas desagradáveis para a família de Ouro Preto. Imagine que já vi maconheiro fumando atrás da igreja. Sabe, já vi até mulher nua na rua... Meu filho, mulher nua, pe-la-da, entendeu? Passeando tranquilamente. Como não era louca só podia estar sob efeito de tóxicos. Não posso compreender outra coisa. E é isso que se apresenta às famílias? É isso que trazem em nome da arte?<sup>40</sup>

Em resposta, a organização do evento alegou que tais acontecimentos tinham relação com o Festival da Cerveja, atividade promovida paralelamente ao Festival de Inverno, mas por outros organizadores.<sup>41</sup> No mesmo sentido, a reitoria da UFMG divulgou uma nota se isentando da responsabilidade dos atos que causassem problemas policiais cometidos por visitantes que iam à cidade durante o Festival.<sup>42</sup> Na medida em que cada edição do Festival crescia em proporções, atraindo público cada vez maior e mais heterogêneo, esse tipo de declaração pública dos organizadores do evento tornar-se-iam, igualmente, cada vez mais frequentes. Por outro lado, moradores de Ouro Preto seguiriam demonstrando descontentamento com o Festival, como o fez uma senhora em entrevista ao jornal *Estado de Minas*:

Felizmente, a polícia vem agindo com muita frequência. Tem havido várias prisões. Não são os alunos do curso de arte, não são os artistas, os seresteiros, os turistas. Tudo indica que são grupos que vêm de fora para transformar Ouro

<sup>39</sup> FRADE, Wilson. Pulgas no IV FIOP. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 8 jul. 1970, s/p.

<sup>40</sup> DIAS, Etelvaldo; ARAÚJO, José. Estranhos visitantes na paz de Ouro Preto. *O Globo*, Rio de Janeiro, 02 ago. 1969. p. 7. *apud* FERNANDINO. **20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais: 1967 a 1986**, p. 62.

<sup>41</sup> INTRIGA não ameaça Festival de Inverno em Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 mar. 1970, s/p.

<sup>42</sup> FESTIVAL. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 26 jul. 1970, s/p.



Preto em palco de farras e provocações. Lamentavelmente, veem-se moças entre eles, embriagadas, desvirtuando o sentido do Festival. No início foi pior. Agora, a polícia passou a agir com mais rigor e alertando aqueles que procuram Ouro Preto para extravasar seus recalques<sup>43</sup>.

O relato da moradora, bastante representativo, exhibe que havia uma estrutura discursiva ao redor do evento, que aceitava e identificava como legítimos participantes do Festival apenas uma parcela do seu público, composta, basicamente, pelos artistas e estudantes universitários que o frequentavam, desvinculando-os inteiramente de badernas ou desordens. Por outro lado, havia também outra parte do público, composta por hippies ou turistas sem interesse explícito pelas atividades de arte e cultura do Festival, que eram representados como frequentadores ilegítimos. Assim, consolidar-se-ia a noção de que havia dois tipos de públicos, frequentando dois tipos de eventos que aconteciam simultaneamente, mas sem relações entre si: de um lado, o Festival de Inverno, com cursos, concertos, exposições e um público bem-comportado de estudantes. De outro lado, um happening, com drogas, festas, bebidas alcóolicas e um público não tão bem-comportado assim, caricaturado como o setor alegre e boêmio do Festival.<sup>44</sup>

Reportagens criavam e tentavam disseminar um consenso de que o Festival era algo totalmente diferente das festas que aconteciam durante a sua realização. Nesse sentido, reiterava-se repetidamente a ideia de que o Festival de Inverno era um “autêntico e expressivo trabalho de extensão universitária”<sup>45</sup>. A ênfase sobre a natureza do Festival como atividade de extensão universitária ou promoção cultural, tentava, por meio da saturação retórica, desvinculá-lo por completo de quaisquer aspectos festivos ou de lazer. Segundo uma típica notícia:

Quase todas as promoções paralelas ao Festival levaram o nome da promoção como atrativo. Isto foi perigoso para o Festival, que tem por finalidade incrementar ainda mais a extensão universitária. Muita gente pensou então que o Festival de Inverno, uma promoção séria, que pretende difundir a cultura e a arte, estaria promovendo abertura de boates e festivais de cerveja, o que não é verdade.<sup>46</sup>

A despeito das tentativas em dissociar-se o Festival de todos os episódios que não àqueles diretamente relacionados aos cursos, concertos, exhibições ou espetáculos, notícias sobre as festas ou confusões durante o evento não apenas continuariam sendo divulgadas, como se tornaram cada vez mais frequentes. Programas na televisão chegaram a recomendar que pais não deixassem seus filhos irem à Ouro Preto durante o Festival. Diante da ofensiva que se insinuava contra o

---

<sup>43</sup> CIRANDA, atração do Festival. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 17 jul. 1970, s/p.

<sup>44</sup> O FUTURO na Cidade-Museu. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 3 ago. 1971, p. 4.; TOUT Court. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 22 jul. 1970, s/p.

<sup>45</sup> OURO Preto já prepara o Festival de Inverno. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 15 abr. 1970, s/p.

<sup>46</sup> FESTIVAL acaba depois de 30 dias de cultura. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 30 jul. 1969, s/p.



evento, alguns jornalistas se mobilizaram em sua defesa, tentando reforçar a desvinculação do Festival das desordens que aconteciam na cidade, enfatizando, ao invés disso, o seu papel como uma das principais promoções culturais do país.

Alguns malandros do Rio, SP e BH, que nada têm a ver com o festival ou com a cidade, vão para lá, fazem as suas e todo mundo paga o pato. Não é justo, não é correto. É necessário criticar o erro, mas [em] paralelo, exaltar o lado positivo para não englobar e generalizar, envolvendo a todos e até mesmo a população de uma cidade.<sup>47</sup>

A própria organização do evento, obviamente interessada em controlar a imagem que se difundia sobre o Festival, empenhou-se em tentar edificar representações mais compatíveis com suas próprias expectativas. Já em 1970, a coordenação do Festival enviou uma carta ao jornal *Diário de Minas*, solicitando que as notícias das prisões ocorridas no Festival cuidassem para não prejudicar a imagem do evento e das entidades que o patrocinavam. Atendendo à solicitação, o jornal publicou a carta, cujo conteúdo, basicamente, não diferia do que já vinha sendo vinculado antes:

Indivíduos inescrupulosos tem se misturado aos visitantes, promovendo badernas, bebedeiras, toda uma gama de anormalidades que podem vir a prejudicar o bom nome do Festival e das entidades que o patrocinam, além de dar uma feição negativa às tradições culturais de Ouro Preto [...] Não é que o Festival seja contra o turista, mas sim contra aqueles que buscam a cidade para promover badernas e a estes o policiamento local tem procurado reprimir.<sup>48</sup>

Diante da continuidade das notícias que expunham dimensões conturbadas do Festival, até instâncias institucionais e deliberativas superiores da UFMG, como o seu Conselho de Extensão, começaram a manifestar preocupações com as repercussões negativas que tudo isso ia gerando.

O Conselho de Extensão da UFMG vai pedir a colaboração das autoridades no sentido de exortar os turistas a não desgastar aquilo que está sendo considerado uma das maiores promoções culturais do país. No ano passado, centenas de pessoas que passavam fins de semana em Ouro Preto criaram problemas com os quais os estudantes nada tinham a ver. Traficantes e consumidores de drogas perturbaram o clima de tranquilidade dos moradores da cidade.<sup>49</sup>

Nesse contexto, reivindicações pela intensificação do policiamento da cidade durante o Festival foram se apresentando como uma alternativa na tentativa de pôr fim aos problemas que iam afetando o evento. Por outro lado, as crescentes prisões realizadas pela polícia começaram também a ser criticadas, uma vez que acabavam servindo como oportunidade para amplificação

---

<sup>47</sup> FRADE, Wilson. Ouro Preto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 22 jul. 1970, s/p.

<sup>48</sup> FESTIVAL de Inverno diz que viciados não participam da promoção. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 23 jul. 1970, s/p.

<sup>49</sup> SETE cidades históricas de Minas tomam parte no Festival de Ouro Preto. *Jornal do Brasil*, 26 abr. 1971, p. 22.



de notícias que estavam sendo tomadas como depreciativas para a imagem do Festival, na medida em que o associavam à baderna. Dessa maneira, prisões e procedimentos de repressão efetuadas pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que seria ironicamente chamado de “Brigada do Vício”, por causa de sua persistente iniciativa em combater o uso de drogas durante o evento, que também ironicamente seria chamado de “Festival das Bolinhas”, “Festival do Inferno”, “Festival do Embalo” ou “Festival dos Maconheiros”, foram alvo de muitos comentários críticos.<sup>50</sup> Conforme registrara uma notícia do jornal *Estado de Minas*:

Realmente, é necessário um policiamento mais intensivo em Ouro Preto nestes dias de movimentação do Festival de Inverno. Mas, há alguns policiais que exageram em seu cumprimento do dever na Vila Rica. Uma cidade de gente ordeira e pacata, Ouro Preto está assustada com o volume de policiamento ostensivo que anda por lá. O pior é que é tanto homem armado andando de lá pra cá que o pessoal fica assustado. Se continuar assim, vão acabar com o festival, que é coisa séria e boa para a cidade.<sup>51</sup>

Com efeito, menos que a violência policial em si, era o risco da repressão inibir o potencial artístico e cultural do Festival o que aparecia como justificava declarada para a crítica, o que poderia estar não apenas correto, mas também funcionar como um recurso para viabilizar a manifestação de qualquer grau de discordância. Pois em meio à radicalização política do momento, que envolveu tanto à oposição à ditadura, quanto à intensificação da violência na sua repressão, a organização de um evento universitário que promovia a reunião de muitos estudantes, em ambiente mais ou menos permissivo, poderia facilmente ser objeto de censura e até proibição. Considerando que os meios de comunicação estavam submetidos à censura na época, criticar ações policiais apenas pelo seu potencial de inibir o desenvolvimento artístico promovido pelo Festival, e não pela repressão em si, talvez fosse um estratagema eficiente para tornar possível algum tipo de crítica em meio a tais condições.

### **Considerações finais**

Apesar de todo o esforço retórico em afirmar o Festival como uma iniciativa de arte, cultura e formação universitária, marcada pela seriedade, o mais possivelmente desvinculado de qualquer caráter lúdico ou de entretenimento, na prática, o evento se transformou ocasião onde a festa acabaria roubando a cena. Juntos, estudantes, professores, artistas, turistas e os próprios moradores de Ouro Preto faziam com que a cidade se transformasse em uma grande festa.

---

<sup>50</sup> BRIGADA do Vício acaba com o festival de bolinhas em Ouro Preto. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 21 jul. 1970, s/p.; CHUVA demais impede em Ouro Preto prisão de traficantes. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 28 jul. 1970, s/p.; FESTIVAL anti-hippie. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 jul. 1970, p. 3.

<sup>51</sup> NOTA do dia, Festival. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 13 jul. 1971, s/p.



Mais que isso, considerando o que a experiência de participar do Festival parecia significar para a grande maioria das pessoas que visitava Ouro Preto durante o evento, participando de cursos ou apenas assistindo a alguma apresentação ou exposição, a oposição entre essas duas formas de apropriação e vivência soa falsa e distorcida. Para a maioria dos visitantes de Ouro Preto durante o Festival de Inverno, de diferentes formas envolvidos com o evento, não parecia existir uma cisão entre a formação acadêmica e o divertimento. Na verdade, ambas as dimensões se realizavam *pari passu*, integrando uma mesma experiência, onde formação e lazer estavam indissociáveis. Conforme bem registrara uma notícia de 1975, já na nona edição do evento: “Para os jovens participantes é no contato entre as pessoas que parece ficar, ainda, o grande significado do festival: a convivência nova ainda é desalienadora”<sup>52</sup>.

Todavia, a concepção de cultura que costuma presidir o trabalho de organizadores de eventos ou gestores de espaços de arte, tende a associá-los a oportunidades de aprendizado de conteúdos formais ou celebração de valores estéticos, em detrimento de suas possibilidades de lazer e diversão. Já os frequentadores de eventos ou espaços de arte e cultura, especialmente quando oriundos de grupos populares, tendem a se apropriar do que é oferecido em tais circunstâncias em termos ligeiramente diferentes, afinal, há sempre modos diversos de receber, consumir, apropriar-se e relacionar-se com as experiências culturais e artísticas. Para esses grupos, cultura tende a significar, justamente, uma oportunidade de lazer e diversão.<sup>53</sup> O desencontro entre essas duas concepções e modos de ver a arte e a cultura, que separa público e gestores, consumidores e organizadores de eventos, às vezes explica parcialmente as razões de insucesso de iniciativas para promoção cultural.

No Festival de Inverno de Ouro Preto, a radicalização da visão de que não havia ali espaço para festa, uma vez que lazer e cultura estavam concebidos como polos opostos, sintomaticamente coincidiu com a percepção de que o evento se tornava também decadente, como dizia reportagem da *Revista Movimento*.

Nesse ano [1975], a diversidade que já marcou o festival em suas fases anteriores mostra-se consideravelmente aplacada [...] Os jovens que afluíam em grande quantidade, não para fazer cursos, mas para o exercício de uma certa disponibilidade conhecida como “curtição”, haviam passado a ser, a certa altura, a própria imagem do festival.<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> O ADEUS à juventude. *Movimento*, São Paulo, 21 jul. 1975, n. 3, p. 24.

<sup>53</sup> DABUL, Lígia. Museus de grandes novidades. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 29, 2008. p. 257-278.

<sup>54</sup> O ADEUS à juventude. *Movimento*, São Paulo, 21 jul. 1975, n. 3, p. 24.



A reportagem captou com bastante acuidade as ambiguidades que marcaram o Festival, reforçando e questionando simultaneamente consensos que foram se consolidando a respeito do evento ao longo dos anos. Primeiro, com contraditória nostalgia, a reportagem destacava a multiplicidade de possibilidades que o teria caracterizado outrora, através da combinação de turismo, pesquisa de vanguarda, exposições culturais e ponto de convergência de *hippies*, invertendo, de certo modo, a escala de valores que tanto havia animado críticas a seu respeito poucos anos antes. Segundo pode-se depreender não apenas desta fonte, em particular, mas de todo o conjunto documental relativo ao Festival, a combinação dessas diferentes dimensões, que misturavam vanguardismo artístico e contracultura, lazer e arte, diversão e formação universitária, teria sido a força criativa que possibilitou o desenvolvimento e consagração do evento. Por outro lado, sugeria-se também que a transformação da “curtição” como principal marca do Festival, teria sido, de fato, o principal fator responsável pela sua decadência, com o que muito provavelmente teria concordado Júlio Varela, coordenador executivo do evento, que o destacava como uma iniciativa limitada a cursos e atividades culturais, excluindo-se quaisquer outras possibilidades. Conforme depoimento dele:

As pessoas confundem o festival com festa, com movimentação de rua, por isso reclama que este ano está pior [...] O festival é um acontecimento cultural e, temos de reconhecer, para uma elite. O povo da cidade não assiste às programações porque não quer pagar ou porque não entende e não gosta. Não se trata de uma festa popular.<sup>55</sup>

Depois de uma progressiva expansão do Festival, que passou de 250 alunos na primeira edição (1968), para 700 alunos na quinta (1971), aumentando também o número e a modalidade de cursos oferecidos, além de ter se expandido para outras cidades de Minas Gerais a partir de 1971, observou-se uma progressiva redução em suas proporções daí em diante.<sup>56</sup> A diminuição do tamanho e do escopo do Festival, o que dizia respeito também ao esvaziamento do seu sentido de festa e diversão, paradoxalmente acabou por reduzir não apenas as suas múltiplas e ecléticas possibilidades de atratividade para um público mais amplo e heterogêneo, muitas vezes desinteressado, de fato, do consumo de artes eruditas, mas também a própria importância social e até cultural que o evento desempenhou de maneira mais ampla em suas primeiras edições. Ao

---

<sup>55</sup> ARAGÃO. **Júlio Varela**, p.116-117.

<sup>56</sup> Depois de 1972, que registrou ainda 800 inscritos, a tendência geral seria a de redução ou de estabilização do número de inscritos ou de vagas ofertadas nos cursos do Festival, apesar da sua realização envolver outras cidades de Minas Gerais. Essa tendência geral, apenas excepcionalmente contrariada em 1974 e 1977, seguia a própria orientação da organização do Festival, que deliberadamente buscou evitar expansões, concentrando-se exclusivamente na sua dimensão artística. Em 1973, foram 538 inscritos; em 1974, 2.500; em 1975, 315; em 1976, 325; em 1977, 637; em 1978, 240, segundo dados divulgados por FERNANDINO. **20 anos do Festival de Inverno da Universidade Federal de Minas Gerais**. p. 253.



invés de uma iniciativa universitária heterogênea, para um público heterogêneo, que combinava arte, cultura, lazer e turismo, mobilizando e impactando amplamente vários segmentos da sociedade, como destacou-se tão positivamente inúmeras vezes, pouco a pouco o Festival foi se limitando a mais um evento universitário, para universitários, quase totalmente destituído de interesse para grupos fora deste círculo restrito. Nesse contexto, não foi exatamente o clima de festa ou curtição que condenou o Festival de Inverno ao que passou a ser visto como decadência, senão um conjunto de fatores, a começar por certas concepções de cultura que passaram a presidir a organização do evento a partir de dado momento, contrariando, inclusive, o espírito inicial que o animou, que o previa também como ocasião de entretenimento. Segundo essas novas concepções, porém, atividades culturais, para serem dignas desse nome, não poderiam, de modo algum, se confundir com os domínios do lazer, da festa ou da diversão.

O progressivo e paulatino predomínio de tais concepções, além de expressarem convicções sobre cultura rigidamente arraigadas, também tentavam responder a diversas transformações que foram se processando no Festival ao longo dos seus primeiros anos. Dessa maneira, a compreensão que opunha rigidamente lazer e cultura, identificando a ampliação do número de participantes para além do estrito campo das artes como fonte perniciosa de distorção dos verdadeiros sentidos do Festival, parece ter atuado, a um só tempo, como causa e consequência de suas transformações. Como acontece muitas vezes, vários fatores, além de concepções de arte, cultura ou lazer, se articularam simultaneamente para gerar tais transformações. Paralelamente ao progressivo crescimento do evento, registrou-se uma redução inversamente proporcional do apoio institucional e financeiro disponível. Notícias sobre dificuldades financeiras para realizar o Festival tornaram-se especialmente frequentes a partir de 1974 e 1975, embora déficits fossem registrados desde a sua primeira edição. Uma vez que tais apoios foram sempre muito importantes, mudanças no Festival logo apareceriam como a principal maneira de seguir realizando-o. No contexto ditatorial, em que diferentes agências governamentais eram as principais fontes financiadoras da iniciativa, a redução do apoio ao Festival, bem poderia ser uma forma mais sutil de inibir um projeto de extensão universitária com características provavelmente vistas como pouco apropriadas, à luz dos valores morais que predominavam durante o regime militar: grande número de estudantes, em ambiente de considerável permissividade comportamental, dedicados a atividades cujos parâmetros de excelência celebram, por princípio, a transgressão e a busca por novos modos de ver e fazer. Declarações de integrantes da organização do Festival afirmaram ter havido pressões de diversos





tipos do governo militar nos momentos de planejamento, organização e execução do evento<sup>57</sup>. A grandiosidade do Festival e sua concomitante repercussão midiática também estiveram entre os fatores que concorreram para crises que animaram transformações em sua estrutura, convertendo em fonte inesgotável de problemas, o que de início havia funcionado como janela ótima de oportunidade. Por último, a própria oposição de parte da população de Ouro Preto ao Festival, que inibia e desencorajava o apoio de políticos locais ao evento, também influenciou a natureza e a direção das transformações que iam se processando no Festival.

O que é notável diante de tudo isso, porém, é que para o regozijo e ao mesmo tempo desespero dos organizadores do Festival, os milhares de visitantes que chegavam em Ouro Preto por ocasião do evento, de fato transformaram a cidade no palco de uma grande, longa e saborosa festa, quase totalmente a despeito de quaisquer concepções e intencionalidades do regime militar ou de qualquer outro grupo ou instituição que não os próprios participantes.

---

<sup>57</sup> ARAGÃO. **Júlio Varella**. p. 308.; LEMOS.; VILAÇA. Documentário: **40 invernos**. 2007.